

MÁRIO YPIRANGA MONTEIRO E O PENSAMENTO SOCIAL BRASILEIRO

Charles Maciel FALCÃO

Universidade Federal do Amazonas, UFAM, Campus do Médio Solimões
Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas - FAPEAM

Resumo

O artigo pretende demonstrar que as representações que emergem dos estudos acerca do folclore amazonense realizados por Mário Ypiranga Monteiro, podem ser tomados como ferramenta para a compreensão dos caminhos de desenvolvimento do pensamento social brasileiro. Uma aproximação com os trabalhos que o autor realizou neste campo de estudos, nos permite conhecer um pouco da dinâmica interna do campo intelectual local e suas conexões com as realidades regional, nacional e universal. Eis o que se pretende neste trabalho.

Palavras-chave: Folclore, Intelectual Regional, Discurso Regionalista, Pensamento Social, Amazonas.

Abstract

The article intends to demonstrate that the representations that emerge from the studies about Amazonian folklore carried out by Mário Ypiranga Monteiro can be taken as a tool for understanding the paths of development of Brazilian social thought. The analysis of the regionalist discourse present in his works allows us a direct contact with the internal dynamics of the local intellectual field and its connections with the regional, national and universal realities.

Keywords: Folklore, Regional intellectual, Regionalist Discourse, Social Thought, Amazon.

INTRODUÇÃO

A cultura popular se apresenta aos nossos olhos com uma forte diversidade de manifestações e com uma dinâmica própria, capaz de imprimir novas roupagens a aspectos anteriormente conhecidos ou mesmo vividos por cada um de nós, quebrando com a ideia de simples repetição ou de mero desaparecimento frente à forças transformadoras da realidade.

No Amazonas, a cultura popular sempre figurou entre as preocupações de Mário Ypiranga Monteiro para quem as dificuldades ou limitações de ordem prática não representavam problemas para o trabalho de identificação, registro e valorização de tudo quanto fosse referente ao folclore amazônico. Autor cujo nome ficou associado aos estudos e a defesa do folclore local, Mário Ypiranga teve formação humanística no colégio Pedro II da Manaus da década de 1930, onde mais tarde seria também professor de geografia. Atuou ainda em diversas frentes ligadas ao desenvolvimento de um trabalho de cunho intelectual, como por exemplo, o Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas (IGHA) e a Academia Amazonense de Letras (AAL), instituições em que chegou a ser presidente e, no

caso do IGHA, ocupando o cargo de secretário geral na década de 1950, teve papel de destaque representando o Amazonas no bojo do movimento folclórico brasileiro.

Através de suas pesquisas sobre a temática do folclore, podemos perceber a dinâmica da cultura regional e o intenso processo de perdas e incorporações sofridas ao longo do tempo capazes de fazer com que as manifestações folclóricas não só não desapareçam, como ressurgam fortalecidas do jogo de interação e resistência estabelecido com os processos de mudança fortemente influenciados pelas imposições mercadológicas. Neste sentido, os trabalhos do professor Mário Ypiranga Monteiro, além de representarem um riquíssimo material para o conhecimento das coisas populares, contribuem para que possamos aprofundar nossos conhecimentos sobre o interminável processo de criação e recriação da cultura e da identidade dos povos da Amazônia.

É dessa maneira que, no conjunto da vasta e polígrafa obra do autor, encontramos trabalhos como Roteiro do Folclore Amazônico, de 1964, em que ele nos fala que no campo das pesquisas de folclore, “tudo está por fazer” (MONTEIRO, 1964, P. 38). Outro exemplo é uma série de monografias em que procurou traçar o que chamou de história social do Amazonas, pesquisando atores sociais ligados à história de Manaus, como o aguadeiro, o regatão, o atravessador e carros e carroças de bois, dentre outros tipos sociais que, na relação com os rios, destacariam o Amazonas e a região, no cenário de uma cultura brasileira fundada no somatório de contribuições das diversas regiões do país.

Esse argumento, diga-se de passagem, é a base de sustentação da ideia de um Brasil mestiço e multifacetado, uma nação que se faz de regiões, um continente de inúmeras ilhas culturais contribuindo, por confronto-associação, para a constituição de uma certa imagem de país elaborada por Gilberto Freyre na década de 1930 e que, anos mais tarde, foi o esteio do movimento folclórico brasileiro do qual o nosso autor foi participante.

A IDENTIDADE EM MOSAICO

A abrangência dos estudos de Mário Ypiranga no campo do folclore, atestam a vitalidade com que o autor sempre se empenhou em desvendar os mistérios da cultura regional. Num esforço por contribuir para a constituição da cultura e da identidade nacional, o autor sempre procurou destacar os aspectos específicos da regionalidade amazônica, ao mesmo tempo em que propôs sua incorporação no mosaico representado pela cultura e a identidade presentes numa certa visão da nacionalidade. Em trecho de artigo escrito em homenagem a seu pai, Marita Monteiro faz referência à variedade de sua obra no campo do folclore bem como à intensa atividade intelectual.

Na área do folclore, meu pai pesquisou e escreveu sobre tudo: medicina popular, danças [...], cerâmica, festas populares, comidas e bebidas, artesanato, cultos de santos, festas profano-religiosas, romances populares, lendas, mitos, fábulas, contos, crenças e superstições, folguedos populares [...] rondas infantis [...], lenga-lengas e matracas e jogos (MONTEIRO, 2005, p. 212).

A ideia de compreensão da identidade e da cultura brasileira a partir do mosaico cultural representado pelas diversas regiões do país, encontra seu fundamento na perspectiva que tem na figura de Gilberto Freyre, sua maior expressão. Inaugurando uma nova postura metodológica de abordagem da temática, Freyre dialoga com toda uma tradição do pensamento social brasileiro desenvolvido até a década de 1930, pensamento este que está em relação direta com o estado anterior de estruturação do campo de produção simbólica.

Na esteira dessa tradição, o romantismo desenvolve uma figura de identidade idealizada no elemento indígena. Outras propostas de equacionamento da temática, buscaram fundamento numa perspectiva evolucionista e pessimista, capaz de perceber no branqueamento da população, a superação de nossas fragilidades rumo a civilização. A partir de 1926, em Manifesto Regionalista, Freyre dialoga com essas posturas e chama a atenção para o fato de que “o conjunto de regiões é que forma verdadeiramente o Brasil. Somos um conjunto de regiões antes de sermos uma coleção arbitrária de estados” (FREYRE, 1976, p. 18).

Encontramos aqui um Gilberto Freyre argumentando em favor de um regionalismo cuja proposta de compreensão da identidade e da cultura brasileira, fundamentava-se num olhar voltado para suas próprias entranhas, um olhar em direção ao seu interior na busca por desvendar o emaranhado de contribuições culturais que cada região tem a oferecer para a constituição de uma fisionomia nacional. E reforça apontando para a ideia de que o que estaria em jogo a partir de então, seria o esforço pela valorização e desenvolvimento de “outros regionalismos que se juntem ao do Nordeste” (FREYRE, 1976, p. 15).

Essa perspectiva parte do princípio de que seria na soma de regiões criadoras que os fundamentos da identidade nacional deveriam ser procurados, uma vez que tais regiões guardariam o que de mais tradicional existia em termos identitários, frente ao intenso processo de reestruturação dos grandes centros pela via da industrialização e da urbanização que ganhariam corpo a partir da década de 1930. O país passa a ser entendido como um imenso arquipélago constituído de inúmeras ilhas culturais criadoras representadas pelas diversas regiões brasileiras que, ao mesmo tempo em que se

diferenciavam por suas singularidades, participavam de um debate polifônico capaz de ampliar as bases de compreensão do processo de formação da cultura brasileira e da identidade nacional.

É que no Brasil o fenômeno sociológico e cultural como que repetiu o geográfico: sociologicamente e culturalmente desenvolvemo-nos em ilhas e essas em arquipélagos ou numa enorme ilha-continente. [...] Ilha e continente ao mesmo tempo. Ou ilhas e continente. Um arquipélago sociológico ou cultural de proporções continentais (FREYRE, 1943, p. 17-18).

O esforço empreendido por Freyre desde o Manifesto Regionalista (1926), passando por Casa-Grande e Senzala (1933), Nordeste (1937) e Interpretação do Brasil (1947) dentre outras obras do autor, desconstrói certos mitos ligados às origens brasileiras. A visão do trópico como inóspito e o mito de que o mestiço jamais realizaria a tarefa da civilização, elementos presentes no pessimismo do século XIX, caem por terra frente à nova abordagem no tratamento da temática. Da destruição de dois mitos principais é que a obra de Freyre ganha sustentação e originalidade, a saber o “[...] de ser o trópico inadequado a formas [...] avançadas de civilização [...]”; o mito de ser o mestiço do europeu e do não-europeu incapaz de preservar o essencial daquelas culturas. [...] da negação desses dois equívocos que se constrói sua obra” (BASTOS, 1986, p. 48).

Em Nordeste temos um exemplo de como o movimento de retorno às origens, de mergulho na realidade nacional, busca os elementos identificatórios de uma região específica e a contribuição particular dessa região para o conjunto da nacionalidade. O autor elenca na obra, um conjunto de elementos substancialistas, por meio dos quais constrói um discurso que legisla sobre a região, inventando-a social e culturalmente, embora empregue para isso aspectos do ambiente natural. Destacando os impactos da monocultura da cana sobre a paisagem e, mesmo sobre a alimentação, a região ganha contornos específicos enquanto um espaço singular que contribuir, à sua maneira, para o universo mais abrangente da realidade nacional, entrando num jogo em que diferentes discursos se articulam em torno da possibilidade de obtenção de hegemonia para uma determinada visão sobre a realidade nacional.

Nordeste de árvores gordas, de sombras profundas, de bois pachorrentos, de gente vagarosa e às vezes arredondada quase em sancho-panças pelo mel de engenho, pelo peixe cozido com pirão, pelo trabalho parado e sempre o mesmo, pela opilação, pela aguardente, pela garapa de cana, pelo feijão de coco, pelos vermes, pela erisipela, pelo ócio, pelas doenças que fazem a pessoa inchar, pelo próprio mal de comer terra (FREYRE, 2004, p. 45).

Gilberto Freyre empreende, dessa maneira, a revalorização dos elementos que haviam sido relegados a um plano inferior, nos trabalhos de interpretação da cultura e da identidade nacional, num momento imediatamente anterior de estruturação do campo de produção simbólica, ou seja, o campo de elaboração intelectual das imagens do que se entendia ou se buscava entender sobre essa mesma cultura brasileira e dos elementos constituintes da identidade nacional. Se em fins do século XIX e nas duas primeiras décadas do século XX, o pessimismo é a marca fundamental das leituras sobre o Brasil, a partir da década de 1930, quando ocorre a substituição do conceito de raça pelo de cultura como elemento de deslindamento dos percursos da nossa identidade, o argumento que encontra legitimidade é aquele que se volta para uma realidade multifacetada e composta por um mosaico cultural em que a identidade nacional se constitui a partir da imensa gama de regionalidades que compõe o país.

O Brasil de Gilberto Freyre se constitui culturalmente a partir da contribuição das diversas regiões para a formação da realidade nacional. A identidade nacional emerge da metáfora do continente e ilha, ou seja, um país continente formado pelas ilhas culturais representadas pelas regiões. Essa perspectiva abre, portanto, a possibilidade para que uma gama de autores que se encontram fora dos grandes centros de produção das ideias, possa dar vazão a todo um conjunto de representações cujo objetivo principal é promover a existência da região não apenas enquanto um espaço natural, mas enquanto um espaço social.

No Amazonas, Mário Ypiranga Monteiro é uma das vozes que se levanta para a construção de um discurso regionalista destinado a exaltar a região e fazê-la emergir da situação de crise representada pelo declínio do monopólio de extração da borracha. Uma das apostas de Monteiro para o realce dos aspectos característicos da região amazônica da qual faz parte o seu Amazonas, é promover o registro e a valorização dos elementos do folclore regional que deverão oferecer uma contribuição fundamental para a formação da identidade e da cultura nacional.

Os estudos sobre folclore de Mário Ypiranga Monteiro voltaram-se para a “realidade regional” com a intenção clara de buscar elementos “autênticos” identificadores e distintivos de uma “cultura amazônica” que poderiam também servir de elementos aditivos no processo de enriquecimento da “cultura nacional” (PAIVA, 2002, p. 72).

Da mesma forma como em Nordeste, Freyre demarca a especificidade da região caracterizando a terra, a água, a mata e os animais, antes de se dedicar às relações entre o homem e a monocultura da cana, Mário Ypiranga se dedica a exaltar os elementos

singularizantes da região amazônica por meio dos estudos que realiza acerca do folclore. Ao identificar o elemento indígena com o que ele chama de folclore puro, exaltando sua participação em termos culturais na região, ao mesmo tempo em que minimiza a participação do negro enquanto contribuinte dessa fisionomia regional, Monteiro finca os limites específicos de uma região cuja marca fundamental, no que tange aos assuntos do folclore, é a influência caracteristicamente indígena.

Os que criaram a fábula das influências negras no folclore nacional (respeitado o que é autêntico e permanente), esqueceram [...] de que à época seria impossível, pelas distâncias arrasadoras, pela ausência de meios de transporte, pela natural e cruel inimizade entre índio e negro, e por outros fatores locais, haver um contato permanente e [...] derrame e absorção da falada cultura negróide. [...] a influência negra na cultura amazônica [...] só deixou de sua incipiente passagem [...] insignificantes manchas culturais que vão perdendo a significação, completamente eliminadas pelas culturas branquóide e indígena (MONTEIRO, 1964, p. 27).

O elemento indígena encarnaria a ancestralidade do fato folclórico na Amazônia. Como um indivíduo genérico, ou seja, sem uma caracterização das especificidades locais e singularidades étnicas relacionadas aos diferentes povos, o índio é o autêntico guardião da ancestralidade cultural na região, o portador do folclore puro a participar do processo de dinamização da cultura local que envolveu fortemente o branco colonizador e, em menor escala, segundo a interpretação do autor, o negro (PAIVA, 2002).

Desse processo de hibridação teria emergido o “caboclo” como suporte social que possibilitou a própria construção de um tipo societal novo. Nesse sentido [...], a atuação do ambiente natural da “região” amazônica também exerceu um papel decisivo no processo de modelagem de uma “cultura amazônica” e de um “folclore amazônico”. [...] A prioridade conferida aos aspectos geográficos [...] constitui-se [...] o pano de fundo sobre o qual a ideia de “regionalidade amazônica” foi erigida pela obra de Mário Ypiranga Monteiro (PAIVA, 2002, 91-2).

Em relação ao processo de por em evidência aspectos ligados à paisagem natural da região, como estratégia de ressaltar seus aspectos singularizantes e ao mesmo tempo contribuintes no cenário da cultura nacional, Mário Ypiranga produziu uma série de obras que elencou no que chamou de subsídios para a história social do Amazonas, onde procurou estabelecer uma ligação entre o que chamou de tipos sociais e um dos elementos mais característicos da região que é o rio. Essa aproximação, mais do que destacar um elemento substancialistas, representou uma estratégia para colocar a região num concerto regional onde cada pedaço do país oferecia contribuições para a formação do tecido original de nossa identidade multifacetada.

Dessa forma, tomam corpo e vem a público, em diferentes tempos editoriais, O Aguadeiro (1947), O Regatão (1957), Carros e Carroças de Bois (1984) e O Atravessador (1998). O aguadeiro retrata a atividade de coleta e revenda de água nos rios, visando o abastecimento das moradias de famílias mais abastadas, quando Manaus ainda não contava com sistema de coleta e abastecimento sistemático. O Regatão (1958), era o comerciante que fazia a ligação através de embarcação própria, entre os centros urbanos e as comunidades interioranas mais afastadas, com quem regateava produtos das cidades em troca de produtos do campo como pescado, carnes de caça, farinha e outros alimentos. De papel semelhante, porém atuando na cidade, estava o Atravessador, que comprava os produtos do campo diretamente do produtor rural por preços baixos, para em seguida revendê-los com grandes margens de lucro nas feiras e mercados urbanos.

O passado da cidade de Manaus é traçado [...] a partir do delineamento de uma série de atores sociais representativos das camadas populares, que ou desapareceram ao longo do tempo, ou estavam em vias de desaparecer. O “arruador”, as “lavadeiras”, o “aguadeiro”, os “carroceiros”, o “regatão”, as antigas formas de organização das festas de “boi-bumbá”, todos elementos e eventos elencados pelo autor enquanto emblemas “tradicionais” expressivos de uma dada regionalidade (PAIVA, 2002, p. 94).

Com Carros e Carroças de Bois (1984), mais do que destacar o próprio veículo e sua serventia, o autor salienta o aspecto encharcado da planície amazônica como elemento de impedimento de sua permanência, uma vez que o deslocamento seria dificultado pela grande quantidade de rios, diferente do papel que tais veículos tiveram, por exemplo, no Nordeste brasileiro.

Na Amazônia tudo se resolve por intermédio dos caminhos que andam, das estradas líquidas que continuam desafiando toda e qualquer outra modalidade de transporte. [...] Se faltou a Amazônia o complexo da casa-grande como consequência do ciclo socializador da cana de açúcar, também haveria de faltar o veículo. Gilberto Freyre não fez referências detalhadas a esse fenômeno, que criou uma geografia econômica e social específica (MONTEIRO, 1984, p. 17-8).

Com um discurso pormenorizado sobre a região e legitimado por instâncias de atuação intelectual locais como o Ginásio Amazonense Pedro II e a Faculdade de Direito, instituições em que foi aluno e professor, o IGHA e a AAL, onde além de membro exerceu a função de presidente, *lugares de fala* de profunda importância na formação intelectual de Mário Ypiranga nas primeiras décadas do século XX, nosso autor desempenhará um

importante papel na promoção de um pensamento social regional na Manaus das décadas de 1930 a 1950.

O forte processo de industrialização e urbanização vivido pelo país, pelo menos nos grandes centros do sudeste, faz com que o trabalho de levantamento e resgate da tradição pretendido pela CNFL seja realizado, preferencialmente, nas diversas regiões do país em consonância com a perspectiva *gilbertiana* de compreensão da realidade nacional a partir do somatório de regiões culturais formadoras da nacionalidade. Os intelectuais regionais radicados em diferentes pontos do Brasil passam a contribuir para a formação de uma imagem multifacetada da realidade nacional, um verdadeiro mosaico de culturas onde cada região participa com suas especificidades para a constituição da identidade nacional. Os estudos sobre o folclore amazonense realizados por Mário Ypiranga, atuam como um contributo para a formação da identidade nacional uma vez que, por confronto-associação, a região emerge como um espaço específico e singular que se contrapõe as demais regiões do país ao mesmo tempo em que garante sua participação como elemento de uma cultura nacional.

Não vai aqui nenhuma vaidade pessoal, mas o plano estabelecido para a obra, sobre ser gigantesco, é definitivo pelo menos na preocupação intencional. Se realizado, fornecerá à cultura nacional elementos de extraordinária atualidade e veracidade, ficando dispensadas de uma vez para sempre as falsas interpretações arrivistas (MONTEIRO, 1964, p. 17).

Entusiasta e um nome de destaque no cenário local em relação aos estudos de folclore amazonense, o autor atesta a vitalidade do pensamento social regional a partir do mergulho em suas próprias entranhas, no sentido de reencontrar o caminho para decifrar os encantamentos da região que haviam sido perdidos pelo apagar das luzes do Fausto da borracha.

Após o chamado “ciclo da borracha”, a região sofre realmente um processo de retração econômica. Manaus recolhe-se para remendar suas redes e refazer suas forças em novas alianças político-culturais. As elites desenvolvem um pensamento glebarista, de exaltação ao regionalismo, expresso na literatura da *caboclitude* de Álvaro Maia, na sociologia humanista de André Araújo, nos estudos do folclore amazonense de Mário Ypiranga Monteiro e na etnologia de Nunes Pereira, estudiosos da cultura cabocla, cultura da mestiçagem que se implanta no Brasil a partir dos anos 30 (COSTA, 2005, p. 94).

A seriedade com que sempre procurou tratar as coisas do folclore (MONTEIRO, 2005), fica evidente não apenas pelo grande leque do material que fora objeto de suas

pesquisas, mas no cuidado com que procurou tratar cada informação colhida junto aos indivíduos com quem conversava. Esse trabalho se deu em inúmeras pesquisas de campo que empreendeu nos bairros de Manaus ou pelo interior do estado, quando costumava dispor de toda uma parafernália empregada no registro minucioso de cada manifestação folclórica que fora alvo de seu olhar e atenção.

Naquela época os equipamentos usados eram: máquinas fotográficas e um gravador grande e pesado com as fitas de gravar enormes, difícil de transportar pelo peso e volume. Muitas vezes a residência onde estava sendo realizada a manifestação folclórica era de difícil acesso, e transportar todo aquele equipamento era uma mão-de-obra. Quando não havia luz era tudo anotado e, se possível, fotografado. Sempre tínhamos que voltar duas a três vezes para que a pesquisa ficasse perfeita, sem escapar um detalhe (MONTEIRO, Marita Socorro, 2005, p. 212-213).

Agindo assim, Mário Ypiranga foi registrando, ora em livro, ora em matérias publicadas nos jornais de Manaus, manifestações as mais diversas como as brincadeiras de boi-bumbá em diferentes bairros de cidade, brincadeiras estas em que, comumente, seus integrantes iam às vias de fato, tão logo se esgotavam os desafios em verso e, lá pela madrugada, o sono do autor era interrompido por brincantes que rogavam para que ele usasse seu prestígio junto às autoridades, de modo a libertar da cadeia os brigões dos bois (MONTEIRO, 2005).

Certa feita, ele viajou para Maués, a serviço do INPA, pesquisando para o seu livro (Antropogeografia do Guaraná) [...]. A previsão da viagem era de quinze dias, mas, passados mais de vinte e tantos dias, como não chegasse, a família e o diretor do INPA, Dr. Djalma Batista, já estavam apreensivos, pois a comunicação com o interior naquele tempo era precária, quando ele chegou com a equipe. Trazia muito material indígena e, tranqüilo, justificou: tinha ido assistir a uma festa na maloca dos índios Andirás (sic), em Ponta Alegre, no rio Andirá; não podia desperdiçar aquela oportunidade de coletar o material para um outro trabalho. Assim era meu pai, nunca perdia uma oportunidade, estava sempre pensando na frente em outro livro que ele poderia escrever (MONTEIRO, Marita, 2005, p. 213).

A partir dessa vivência em relação a cultura local, Mário Ypiranga Monteiro se insere no movimento encampado pela CNFL, cujo objetivo fundamental é a realização de um inventário das manifestações que pudessem ser tomadas como representantes da brasilidade. Empenhados nessa tarefa, os folcloristas de todo o Brasil montam uma rede de trabalho em torno de uma causa principal que era o folclore. Partindo do argumento de que as rápidas transformações por que passava a sociedade brasileira a partir da década de 1930 representavam uma ameaça aos aspectos tradicionais da cultura

brasileira e capazes de fornecer as bases da identidade nacional, os folcloristas irão organizar sua atuação de modo a constituírem uma associação de esforços e unir intelectuais das diversas regiões do país em torno da pesquisa e da proteção dos aspectos tradicionais da cultura nacional.

O encarregado pelo chamado dos intelectuais para a causa do folclore é Renato Almeida, folclorista e funcionário do Ministério das Relações Exteriores que, a frente da Comissão Nacional de Folclore (CNFL), entidade criada a partir do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura (IBECC), e por sua vez vinculado àquele Ministério, articula uma iniciativa sem precedentes na história do pensamento social brasileiro.

A principal novidade representada pela CNFL no quadro formado pelas instituições que marcaram a história dos estudos de folclore foi sua capacidade de superar o caráter local que caracterizou a maioria das iniciativas anteriores. Constituindo uma vasta rede centralizada no Rio de Janeiro e que se estendia para a maioria dos estados brasileiros, a sua montagem e a obtenção dos recursos que a viabilizava se deveram em grande parte a seu articulador, Renato Almeida (VILHENA, 1997, p. 94).

Nosso autor integra esse movimento e atua no bojo dessa associação de esforços que representou o movimento folclórico localizado entre as décadas de 1940 e 1960. O discurso regionalista que emana das obras de Mário Ypiranga acerca do folclore amazonense, pode ser facilmente identificado com esse esforço por surpreender os elementos tradicionais representativos de uma identidade regional, que passa a ser promovida a integrante de uma dada nacionalidade cujas bases de sustentação estão nas diversas regiões do país, último repositório das tradições que singularizariam o Brasil em termos identitários.

Mesmo diante de todas as dificuldades que se apresentavam àqueles que tomavam o folclore como objeto de estudo e que encaravam o trabalho de registro e proteção das manifestações folclóricas como uma verdadeira missão, Mário Ypiranga Monteiro se empenhará por realizar um intenso trabalho de documentação capaz de confrontar a região amazônica com as demais regiões do país, em termos dos elementos identificadores da singularidade regional, mas que também é capaz de associá-la ao cenário nacional de uma identidade tomada como um mosaico cultural, uma realidade multifacetada.

Essas dificuldades ficam evidentes quando amplificamos os ruídos verificados nos bastidores do movimento folclórico e que são encontrados nas correspondências trocadas entre folcloristas, sejam elas correspondências oficiais entre Secretários de Comissões Estaduais e a CNFL ou cartas entre amigos que trocam ideias sobre trabalhos que estão realizando ou sobre futuras pesquisas para as quais solicitam informações.

A análise da correspondência entre intelectuais permite conhecer as condições sociais e culturais em que viviam, a heterogeneidade de suas ideias, assim como as redes de intercâmbio, de articulação, criadas entre estudiosos da mesma região e destes com os de outros estados, redes que articulam indivíduos, grupos e instituições (CORREIA; GOMES apud COSTA, 2007, p. 279).

Em contato com Marita Monteiro, filha e curadora da obra de Mário Ypiranga, foi possível conhecer algumas das muitas cartas trocadas entre o autor e inúmeros folcloristas ou autores do Brasil e do mundo. Em cartas recebidas ou em cópias das que Mário Ypiranga remeteu, é possível percebermos a dinâmica e a vitalidade do Movimento Folclórico mesmo diante de situações adversas, além do que tais cartas figuram como um atestado da existência de uma grande rede de relações estabelecida entre autores de diferentes pontos do país que por sua vez mantinham contato com autores estrangeiros, num processo constante de troca de informações e de atualização.

Um bom exemplo das dificuldades enfrentadas pelos folcloristas quando da coleta de material e da possibilidade de envio de informações dentro da rede de intercâmbio que marcou o Movimento Folclórico nas décadas de 1940 e 1950, pode ser percebido num trecho dessa carta enviada por Mário Ypiranga para Renato Almeida em 1953, cuja cópia tivemos acesso:

Estou remetendo algumas fotos do meu arquivo particular, devidamente identificadas. Lamento apenas que o tamanho da minha máquina não permitisse obter negativos maiores. Gostaria de remeter maior documentação, porém não tenho negativos e os originais não me posso desfazer deles. Gostaria muito mandando tirar cópias e não disponho de verba para esses gastos extras, que competia ao nosso governo mandar fazer (Manaus, 09 de Junho de 1953).

A questão que aparece aqui, diz respeito à escassez de recursos para o desenvolvimento dos trabalhos de pesquisa e coleta de material referente ao folclore. As dificuldades sempre foram muito grandes, a julgar pelo fato de que a CNFL não dispunha de verbas suficientes para o amparo às Comissões Estaduais componentes da *network* para a pesquisa e a defesa do folclore. Alimentar essa rede de intelectuais regionais, exigia grandes investimentos, a julgar pela realização periódica de encontros de caráter nacional visando a atualização conceitual do folclore. Além disso, estes encontros também eram marcados pela apresentação ritualística de manifestações culturais regionais, elas próprias, constituintes da nossa identidade.

Elemento de contradição com a enorme vitalidade do movimento folclórico entre as décadas de 1940 e 1950, quando são realizados inúmeros congressos e encontros, as

dificuldades enfrentadas pelas comissões regionais tinham forte relação com a escassez de verbas para a aplicação no desenvolvimento de pesquisas em defesa do folclore, o que também era uma característica da própria CNFL.

Somada a essa escassez de recursos temos ainda o fato de que muitos daqueles intelectuais radicados nas “províncias” não tinham no folclore sua atividade principal. Uma boa soma deles atuavam como funcionários públicos ou profissionais de diferentes áreas, muitos também ligados aos Institutos Históricos e as Academias de Letras espalhadas pelo interior do país e que acabavam se dedicando ao folclore de forma esporádica, mas nem por isso, sem a devida atenção.

E essa é uma preocupação constante de Mário Ypiranga Monteiro, ou seja, a dedicação e, sobretudo, a atenção e importância que deve ser dedicada ao folclore regional naquilo que ele representa de fundamental para a constituição da identidade regional e, através dela, para o fortalecimento de uma certa ideia de nacionalidade pautada na metáfora do Brasil cadinho de Gilberto Freyre. É neste sentido que nosso autor não esconde a preocupação com o descaso em relação às coisas do folclore regional.

Salvante uma que outra referência de curiosos, não há propriamente pesquisas de folclore mestiço nas áreas discriminadas. Tudo está por fazer, nesse sentido, de maneira que a nossa preocupação, no momento, é organizar uma série de trabalhos que consolidem as observações como tentativa de recuperação do tradicional e do adventício, respeitadas, sempre, as fontes informativas por mais precárias que sejam elas, mas nem sempre as opiniões formuladas a respeito, muitas vezes contrárias à verdade (MONTEIRO, 1964, p. 38).

De um modo geral, os folcloristas radicados nas diversas regiões e ligados a grande rede organizada pela CNFL via Comissões Regionais de Folclore, encontravam-se numa rotina atarefada e assoberbada que fazia com que o tempo destinado à pesquisa sobre a causa maior do movimento ficasse comprometida uma vez que estava a mercê do tempo disponível que estes folcloristas dispunham para a pesquisa e levantamento do material que deveria compor o grande inquérito pretendido pela Comissão Nacional. Isso demonstra que o projeto encampado pela CNFL dependia muito da disposição do enorme contingente de intelectuais regionais que realizavam um trabalho abnegado e, na maioria das vezes, contando com investimentos saídos do próprio bolso. Vilhena (1997) nos proporciona um conhecimento detalhado desta questão por meio da divulgação de informações contidas em cartas de Mário Ypiranga para Renato Almeida datadas de 1952 e 1953 e arquivadas na documentação da CNFL.

Em certos estados, como, por exemplo, o do Amazonas, podemos encontrar o seu secretário afirmando: “somente eu, nesta terra, me preocupo com o nosso folclore [...] só eu pesquiso, só eu publico”. A essa solidão, somam-se as múltiplas atividades a que ele se dedicava – como revela quando se desculpa pelo pequeno tamanho de suas contribuições ao II Congresso. Nesta outra carta, Mário Ypiranga Monteiro alega não só a ausência de colaboradores, mas também suas “ocupações de toda ordem: no Ginásio, 3 turnos, no jornal onde emprego minhas atividades e nos serviços de advocacia”. Esse cotidiano assoleado era a tônica entre a maioria dos secretários e vários poderiam fazer deles as palavras do amazonense, para quem o tempo para pesquisa é apenas aquele que “sobra” (VILHENA, 1997, p. 214).

Através do material utilizado por Vilhena (1997) também encontramos informações a respeito da destinação política ou mesmo turística que eventos como os festivais folclóricos vinham ganhando no Amazonas.

É o caso das queixas do secretário amazonense Mário Ypiranga Monteiro [...] que denunciou no início da década de 1960, os promotores do Festival Folclórico de Manaus. Explorando “a mina popular”, eles teriam transformado-a “em sucursal viva de campanhas eleitorais”, fazendo com que o “folclore citadino” começasse “a degenerar-se, a perder o cunho de autenticidade. Membros da Comissão Amazonense, que teriam tentado por três anos corrigir esses desvios, foram afastados da comissão julgadora. A principal crítica de Ypiranga tinha por objeto o “estímulo [por] via monetária”. [...] Conclui o desolado Ypiranga que, “diante da competição existente, não se pode mais falar em folclore puro na cidade de Manaus” (VILHENA, 1997, p. 189).

Essa crítica de Mário Ypiranga ao uso do folclore como trampolim político também ganha um tratamento especial pelo autor em seu primeiro tomo do Roteiro do Folclore Amazônico de 1964, demonstrando preocupação especial com a perda de espontaneidade das manifestações uma vez que as apresentações passam a ser pensadas e organizadas tendo em vista a obtenção das premiações oferecidas pela organização dos festivais folclóricos de Manaus:

De uns anos a esta parte, [...] o folclore manauense tem sido submetido à dura experiência com a realização, sem método, sem orientação, dos chamados festivais realizados na praça do General Osório. Longe de merecer aprovação, aqueles espetáculos de suspeitosos fins políticos só tem produzido a degeneração da linha tradicional, abrindo desbragada concorrência popular, originando o aparecimento e desaparecimento de grupos artificialmente constituídos para um objetivo: prêmios em dinheiro (MONTEIRO, 1964, p. 64).

Neste sentido, na contramão de interpretações que se debruçam sobre o período posterior ao Fausto da Borracha de modo a perceber a região amazônica na perspectiva

do insulamento, do abandono por parte do Brasil, Mário Ypiranga Monteiro é uma dentre as muitas vozes que, a partir do mergulho nas próprias entranhas proporcionado pela débacle, irá forjar um conjunto de representações sobre a Amazônia capaz de restabelecer elementos antes estigmatizados e que atuarão como ingredientes formadores de uma dada nacionalidade.

PARA NÃO CONCLUIR: O AUTOR COMO ATOR CONCRETO

Numa abordagem externalista, as representações que emergem do conjunto de sua obra acerca do folclore respondem aos anseios de certa configuração histórico-social marcada pela necessária reafirmação da identidade regional, demanda específica dos setores decadentes locais, herdeiros das falácias do Fausto. Já numa perspectiva internalista, a análise de suas obras no contexto das décadas de 1940 e 1950, deve caminhar no sentido de perceber como se configura um conjunto de representações sobre a Amazônia de modo a inventá-la ou reinventá-la ou mesmo criá-la a partir de um discurso reconhecido e legitimado por instâncias próprias de reconhecimento e consagração intelectual que pouco a pouco se constitui no espaço relativamente autônomo de produção de obras simbólicas, a saber, o campo de produção e atuação do trabalho intelectual.

Sem cair na tentação simplista de reconhecer a produção de Mário Ypiranga Monteiro na perspectiva de reflexo de uma ordem social mais ampla e sem incorrer na armadilha representada pela análise da obra a partir dela própria, como suficiente para a compreensão de sua emergência e importância num cenário histórico-cultural específico, é preciso que se busque atingir os atores sociais concretos que são responsáveis pela produção das obras culturais (PAIVA, 2008). Dessa forma vamos encontrar um Mário Ypiranga Monteiro articulador e líder da mocidade viril protagonista do motim ginásiano na década de 1930, cenário de transformações e da coalizão de novas alianças político-culturais. Encontramos também um autor profundamente antenado com as coisas de sua terra, que dialoga com outros intelectuais que dividem com ele a cena cultural de Manaus e do Brasil, de modo a filtrar as contribuições universais do pensamento para enriquecer e arejar o pensamento social local que não só não cessa com a crise do início do século XX, como deve ser levado em consideração no exercício de compreensão do interminável processo de criação e recriação das imagens sobre a Amazônia e sobre o Brasil.

Para terminar dando a palavra ao próprio professor Mário Ypiranga Monteiro, recorreremos à palestra que proferiu na Associação Brasileira de Imprensa em 03 de outubro de 1985 e que foi publicada em 1986 sob o título de *Aspectos da Cultura Amazônica*: “Torna-se necessário redescobrir a Amazônia? Então devemos começar pelo

homem que continua ignorado, e ele sim, terá muito o que dizer de si e da terra e não a terra do portador da cultura” (MONTEIRO, 1986, p.74).

REFERÊNCIAS

BASTOS, E. R. Gilberto Freyre e a questão nacional. In: MORAES, Reginaldo; ANTUNES, Ricardo; FERRANTE, Vera (orgs). **Inteligência brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 43-76.

BOURDIEU, P. **A produção da crença**: contribuição para uma economia dos bens simbólicos. 3ª ed. Porto Alegre: Zouk, 2006.

_____. Por uma ciência das obras. In:_____. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. Tradução de Miguel Serras Pereira. Oeiras: Celta Editora, 1997, p. 35-65.

FREYRE, G. **Continente e ilha**. Rio de Janeiro: Edições Casa do Estudante Brasileiro, 1978, vol. 08.

MONTEIRO, M. Y. Aspectos da Cultura amazônica. Separata de: **Revista do Conselho Estadual de Cultura do Amazonas**, Manaus, Nº 1, 1986, p. 43-75.

_____. **Mocidade Viril - 1930**: o motim ginásiano. Manaus: Nheenquatiara, 1996.

_____. **Roteiro do folclore amazônico**. Manaus: Editora Sérgio Cardoso, I Tomo, 1964.

_____. **Carros e carroças de bois**: subsídios para a história social do Amazonas. Manaus: 1984.

_____. **O aguadeiro**: subsídios para a história social do Amazonas. 2ª ed. Manaus: Imprensa Oficial do Estado do Amazonas, 1977.

_____. **O atravessador**. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 1998.

_____. **O regatão**: notícia histórica. Manaus: Sérgio Cardoso & CIA Ltda, 1958.

MONTEIRO, M. S. Mário Ypiranga Monteiro, meu pai. In: **SOMANLU**: Revista de Estudos Amazônicos do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia. Manaus, ano 5, n. 2, p. 209-217, jul./dez. 2005

PAIVA, M. A. C. de. **Identidade regional e folclore amazônico na obra de Mário Ypiranga Monteiro**. Manaus: Valer, 2002.

SCHWARCZ, L. M. Os institutos históricos e geográficos: guardiões da história oficial. In:_____. **O espetáculo das Raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 99-140.

VILHENA, L. R. **Projeto e missão**: o movimento folclórico brasileiro (1947-1964). Rio de Janeiro: FUNARTE, 1997.

VELOSO, M., MADEIRA, A. **Leituras brasileiras**: itinerários no pensamento social e na literatura. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

Submissão do artigo: 30/08/2018.

Parecer de aprovação: 06/11/2018.